
DISCUTINDO OS EFEITOS SOCIAIS DA GLOBALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO

ENSAIO

Marcos Paulo da Silva

Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em
Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
E-mail: marcosilva_paulo@bol.com.br

Walid Abbas El-Aouar

Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em
Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
Empresário no setor de produção e comercialização de produtos
hortifrutigranjeiros.
E-mail: pontocruzcia@digi.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor uma discussão a propósito dos efeitos do fenômeno da globalização, principalmente no que se refere aos impactos nas estruturas sociais, que implicam mudanças e conduzem a um novo quadro social que então se delineia. Para tanto, abordam-se as origens do conceito de globalização e suas perspectivas, bem como as suas implicações nas estruturas políticas, econômicas, culturais e sociais. Isso porque se observa a dinamização das atividades da sociedade contemporânea à medida que novas estruturas organizacionais surgem e novas formas de interação entre o Estado e a sociedade se reconfiguram. Busca-se, ainda, sugerir que a globalização é muito mais excludente do que social, uma vez que favorece as classes e ideologias dominantes, ou seja, aquelas que detêm o poder, o capital, e ignora a maioria da população, que tem reduzida a sua participação nesse processo. Assim, verifica-se, com o advento da globalização, um aumento das desigualdades sociais. A partir desse contexto, busca-se argumentar que a participação social efetiva, a fim de que se possa usufruir igualmente da ampliação de oportunidades sugerida por esta nova ordem social, somente pode vir a se concretizar pela via da educação, considerada como fator preponderante na formação e conscientização política, capaz de reduzir as desigualdades sociais e de criar condições mais favoráveis ao desenvolvimento pessoal e organizacional.

ABSTRACT

The effects of the globalization phenomenon are discussed focusing mainly upon the impact on social structures and on the changes involved leading to a new social framework which then begins to take shape. The origins of the concept of globalization and its perspectives are examined as are the implications for the political, economic, cultural and social structures. In contemporary society a growing dynamism is observed, as new organizational structures constantly arise and patterns of interaction between the State and the society are reshaped. By strengthening the dominant classes and ideologies, globalization is judged to be much more socially exclusive than inclusive. Those controlling the power and the capital are favored while the majority of the population is ignored, thereby losing its participation in the process. Increased social inequalities are noted with the advent of globalization. Education, it is argued, may be the only way to achieve effective social participation and benefit equally from the greater opportunities suggested by this new social order. Education is perceived as the most important requisite for the development of political consciousness and thereby capable of lessening social inequalities and promote more favorable conditions for personal and organizational growth.

1. INTRODUÇÃO

Presentemente, observa-se a dinamização das atividades da sociedade contemporânea à medida que novas estruturas organizacionais surgem e novas formas de interação entre o Estado e a sociedade se reconfiguram em virtude da abordagem globalizada das inter-relações.

Nesse contexto, o presente trabalho apresenta as origens do conceito de globalização, assim como as mudanças pelas quais passou, e suas implicações para a sociedade decorrentes desse novo quadro social que se delineia. Também analisa conceitos como internacionalização, desterritorialização e aldeia global, bem como os seus efeitos nas relações sociais e na forma de atuação das organizações, buscando uma relação entre a globalização, as desigualdades sociais e o desenvolvimento pessoal e organizacional.

A partir daí, propõem-se alternativas para minimizar os efeitos da globalização, principalmente na esfera social, e tornar as pessoas mais aptas a usufruir das oportunidades ampliadas por esse processo.

2. PERSPECTIVAS SOBRE A GLOBALIZAÇÃO

Em decorrência de um movimento potencializado no começo dos anos 80, de aumento da interligação dos mercados, de reestruturação dos grandes grupos econômicos e de reestruturação dos Estados nacionais, buscando elevar o nível de competitividade, estrutura-se um novo movimento denominado globalização.

Para HABERMAS (*apud* RIBEIRO, 1997), a globalização significa a transgressão e a remoção de fronteiras. Viabilizam-se, através da globalização, a produção e a comercialização de produtos e serviços em qualquer parte do mundo, escolhidas de acordo com a possibilidade de se obterem custos mais baixos e altos lucros. A atuação em nível global torna-se possível graças à liberalização e desregulamentação dos mercados, à telemática e aos satélites de comunicação e controle (CHESNAIS, 1996).

Constata-se que a globalização traz consigo a universalização da produção, dos mercados e das finanças, acarretando mudanças nas estruturas que

ao longo dos tempos nortearam o ritmo das relações sociais. De acordo com FARIA (*apud* SARTON, 1998), as principais mudanças decorrentes da globalização seriam as seguintes:

- Mundialização da economia – internacionalização dos mercados de insumo, de consumo e financeiro, rompendo as fronteiras geográficas clássicas e limitando a execução das políticas cambial, monetária e tributária dos Estados nacionais;
- Descentralização do aparelho estatal – descentralização de suas obrigações, desformalização de suas responsabilidades, privatização de empresas públicas e desregulamentação da legislação social;
- Internacionalização do Estado – integração formalizada pelos blocos e pelos tratados de livre-comércio e revogação de barreiras tarifárias, das reservas de mercado e dos mecanismos de incentivos e subsídios fiscais;
- Mudanças na matriz da produção internacional – modifica-se a divisão tradicional entre fornecedores de matérias-primas e fabricantes de manufaturados, passando-se à produção de bens e serviços de nível tecnológico equivalente em diferentes países, não importando onde o produto final é montado, o que provoca o fenômeno da “deslocalização” da produção;
- Desterritorialização e reorganização do espaço da produção – substituição das plantas industriais rígidas surgidas no começo do século XX, de caráter “fordista”, pelas plantas industriais “flexíveis”, de natureza “toyotista”, acompanhadas pela desregulamentação da legislação trabalhista e pela “flexibilização” das relações contratuais;
- Planejamento de atividades de nível tecnológico em escala mundial por parte dos conglomerados multinacionais, acompanhado da fragmentação das atividades produtivas nos diferentes territórios e continentes, permitindo a prática de um comércio intra e interempresas, acatando seletivamente as distintas legislações nacionais e concentrando seus investimentos nos países onde elas são mais favoráveis;
- Expansão de um direito paralelo dos Estados, de natureza mercatória, como decorrência da proliferação dos foros descentralizados de

negociações estabelecidas pelos grandes grupos empresariais.

Observa-se, com essas mudanças, a configuração de um cenário social diferente do tradicional, onde os agentes formadores redefinem as formas de interação econômica, política e geopolítica, tudo isso em decorrência do avanço do capitalismo no decorrer da história. Como destaca IANNI (1997: 55), “a rigor, a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo. Um processo histórico de larga duração, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação”.

Segundo o referido autor, a globalização que hoje observamos decorre de acontecimentos de décadas e séculos anteriores, e tem o capitalismo como seu principal formador, por se tratar de um modo de produção e reprodução material e espiritual que se forma, expande-se e transforma-se em moldes internacionais.

Ainda segundo o autor, a sociedade global originada via capitalismo é resultante de três grandes épocas da história do capitalismo, a saber:

- **Primeira** - o modo de produção capitalista origina-se em moldes nacionais, revolucionando as formas de vida e trabalho locais, regionais, feudais, comunitárias tribais ou pré-capitalistas, instituindo a produção de mercadorias, de valores de troca, compreendendo a dissociação entre o trabalhador e a propriedade dos meios de produção, o mercado, a mercantilização crescente das forças produtivas e as relações de produção. Estando a sociedade civil sintetizada no Estado, a revolução burguesa retrata como o capitalismo transforma, recria ou supera as relações sociais locais e regionais que entravam a emergência da sociedade civil;
- **Segunda** - o capitalismo nacional ultrapassa fronteiras, mares e oceanos. O comércio realiza-se em busca de matérias-primas, da expansão do mercado, do desenvolvimento de forças produtivas, de outras fontes de lucro. Institui-se o colonialismo, imperialismo, sistemas econômicos, sistemas mundiais, geralmente centralizados em capitais de nações dominantes, metrópoles ou países metropolitanos, dando origem a transformações sociais, padrões e valores socioculturais, técnicas e procedimentos mercantis, interesses e expectativas ordenados de

forma societária ou contratual, grupos e classes sociais constituídos com base na propriedade da força de trabalho e dos meios de produção, códigos e instituições jurídico-políticas de tipo nacional ocidental;

- **Terceira** - além das modalidades nacionais, bem como dos sistemas e blocos, articulando regiões e nações, países dominantes e dependentes, começa o capitalismo a ganhar um perfil global. Declinam os Estados-Nações e as próprias metrópoles, em benefício de centros de decisão dispersos em empresas e conglomerados que se movem por países e continentes, de acordo com as conveniências dos negócios, movimentos do mercado e exigências de reprodução ampliada do capital. O processo de concentração e centralização de capital recrudescer, afetando cidades, nações, continentes, formas de trabalho e de vida, maneiras de ser e pensar e produções culturais.

A interpretação de NASCIMENTO (*apud* PONTES e GUIMARÃES, 1997) do que é “globalização” aponta claramente a participação vital do capitalismo nesse movimento. Segundo o autor, a globalização representa “um processo de aceleração capitalista, num ritmo jamais visto, onde o produtor vai buscar a matéria-prima em qualquer lugar do mundo, onde ela seja melhor e mais barata: instala a fábrica nos países onde a mão-de-obra é mais barata (entre outros fatores) e vende a mercadoria para o mundo inteiro”.

A globalização reproduz a lógica do capitalismo através de um sistema que se baseia na contínua concentração, ou reinversão do excedente, na mais-valia e no processo de centralização de outros capitais por aqueles mais fortes (IANNI, 1998). Por meio da formação de um consenso internacional, o sistema reafirma a sua hegemonia contrapondo-se aos blocos regionais ou à economia mundial.

Todavia, para que o sistema capitalista consiga estabelecer uma economia mundial integrada e criar uma estrutura global, são necessários passos maiores nessa direção. Nesse sentido, surgem os blocos regionais, que, de acordo com THURLOW (1997: 160), se apresentam como “etapas naturais para um processo evolutivo na direção de uma economia verdadeiramente global”. Realizando-se simultaneamente à globalização, a regionalização reflete o desejo das nações de obter a maximização dos benefícios da economia global ao mesmo tempo

em que procuram ganhos relativos com práticas restritivas, como o protecionismo econômico.

A regionalização é definida como um arranjo entre dois ou mais países para o estabelecimento de diretrizes comuns nas áreas financeira e comercial, tendo, eventualmente, um caráter mais amplo, permitindo que os cidadãos dos países-membros compartilhem direitos e obrigações sociais e políticas. De acordo com LOPES (1998), a dimensão financeira e a comercial dessa interdependência contrapõem-se à chamada produção real e à virtual – a produção real representando os bens e serviços operacionais, não-financeiros, e a produção virtual dizendo respeito à dinâmica dos mercados financeiros.

Segundo COLTRO (1997), em cada processo de integração regional reproduz-se, em escala menor, a globalização, num espaço restrito, tais como a multinacionalização do processo produtivo, a diversificação e aceleração do fluxo de capital, a interatividade das economias, a convergência de valores e padrões culturais. Apesar de refletir o sistema global, a regionalização possui uma característica peculiar que é a necessidade da participação do Estado como agente de integração, estabelecendo os parâmetros para o acordo, já que este é celebrado entre Estados. Todavia, o Estado não possui o controle completo do processo, pois é influenciado na tomada de decisão pela força da globalização.

A apresentação da amplitude desse movimento global e de suas características e origens, bem como as mudanças decorrentes desse acontecimento, possibilita a compreensão dos fatos oriundos dessa realidade global.

3. AS IMPLICAÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO NA SOCIEDADE

Evidencia-se que as principais características da sociedade global são originárias das forças que operam no mercado através dos efeitos da ampliação da reprodução do capital, que vai de encontro às fronteiras, códigos, constituições, moedas, estilos de gestão tanto privada quanto pública.

Com a globalização, o Estado-Nação, além de ser redefinido, ainda perde algumas prerrogativas econômicas, políticas, culturais e sociais.

THUROW (1997) afirma que a globalização da economia apresenta um mundo onde forças geoeconômicas extranacionais definem as prerrogativas das políticas econômicas nacionais, perdendo, os governos nacionais, muitos dos seus instrumentos de controle econômico. Dessa forma, dificulta-se a regulamentação das políticas econômicas nacionais por parte dos governos, pois as atividades empresariais migram facilmente para regiões não regulamentadas por intermédio das tecnologias de informação e instituições financeiras que propiciam a transferência de capitais.

A facilidade que os atores individuais (visto que a globalização é um processo aberto não apenas a Estados e empresas) e coletivos têm de movimentar seu capital demonstra outra característica da globalização, que é a internacionalização, expressando os movimentos de crescimento e consolidação das relações de interdependência financeira e comercial.

Essa internacionalização vem confirmar outro conceito importante relativo à globalização, que é a desterritorialização. De acordo com IANNI (1997: 90), esta indica que “a formação sócio-econômica, política e cultural nacional revela-se um momento importante, mas subordinado, da formação sócio-econômica, política e cultural global”.

A desterritorialização representa a flexibilização do fluxo financeiro e comercial através das fronteiras, sem que as nações possam controlá-la, viabilizada pela criação de estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais ou globais descentralizadas, sem localização nítida em nenhuma nação ou região. Os agentes globais presentes em vários lugares, nações, continentes, segundo IANNI (1997: 93), “parecem flutuar por sobre Estados e fronteiras, moedas e línguas, grupos e classes, movimentos sociais e partidos políticos”.

Em seu livro Teorias da Globalização, IANNI (1998: 169) considera que na globalização tudo se desterritorializa:

Tudo se desterritorializa. Coisas, agentes e idéias, assim como palavras, gestos, sons e imagens, tudo se desloca pelo espaço, atravessa a duração, revelando-se flutuante, itinerante, volante. Desenraízam-se dos lugares, esquecem os pretéritos, presentificam-se nos quatro cantos do mundo. A sociedade global transforma-se em um vasto mercado de coisas, gentes e idéias, bem como realizações, possibilidades e

ilusões, compreendendo também homogeneidades e diversidades, obsolescências e novidades.

Com base nessa afirmação, percebe-se que a desterritorialização afeta, com os fluxos financeiros, comerciais, ideológicos e políticos, a manipulação monetária e de outras formas de riqueza e investimentos, fragilizando os vínculos entre o povo, a riqueza e os territórios, alterando as interações globais, manipulando as moedas e as identidades tanto quanto as estratégias dos Estados. Esse efeito é decorrente da manifestação da desterritorialização na economia, na cultura e na política, que acentua e generaliza novas formas de agir, ser, sentir e pensar.

Esse fato nos remete ao conceito de aldeia global, que representa a globalidade das idéias, padrões e valores socioculturais, imaginários. Conforme IANNI (1998: 93), a aldeia global representa “uma teoria da cultura mundial, entendida como cultura de massa, mercado de bens culturais, universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam-se no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem”.

A aldeia global compreende as relações, processos e estruturas de dominação política e de apropriação econômica que se desenvolvem além das fronteiras, desterritorializando coisas, pessoas e idéias, realidades e imaginários.

Com os avanços tecnológicos na informática e nas telecomunicações, os meios de comunicação rompem fronteiras, culturas, idiomas, religiões, estruturas socioeconômicas, viabilizando a expansão da indústria cultural e a formação de uma cultura de massa mundial, através da difusão das produções locais, nacionais e em nível mundial. A indústria cultural torna-se atuante a nível global, atravessando fronteiras geográficas, políticas, religiosas e lingüísticas, transformando-se em um poderoso setor de produção, tendo como principal componente o mercado, a mercantilização universal, ao propor que tudo deve ser mercantilizado, produzido e consumido como mercadoria. THURLOW (1997: 177) afirma que “a afluência e a eletrônica transformaram a cultura no maior dos grandes negócios”.

Prevalece a mídia eletrônica como instrumento de comunicação, informação, compreensão, explicação e imaginação do que ocorre no mundo, desempenhando, juntamente com a imprensa, um

papel vital de intelectual orgânico dos centros mundiais de poder, dos grupos dirigentes e das classes dominantes. A mídia global é composta dos conceitos locais, nacionais e regionais, bem como de divergências políticas, culturais, religiosas, expressando muito do que ocorre pelo mundo no âmbito da integração e de fragmentação, das diversidades e das desigualdades, dos conflitos e das acomodações (IANNI, 1998).

Para o estabelecimento da ideologia da aldeia global, é necessária a participação de intelectuais vinculados às estruturas de poder dominantes no contexto mundial, interpretando as imagens da realidade e as visões de mundo de blocos de poder que têm meios de organizar, influenciar, induzir ou dinamizar as estruturas de dominação política e apropriação econômica da sociedade global. Formam-se hegemonias de alcance mundial, que expressam a imagem da realidade dos que detêm o poder, mas que consideram, ao mesmo tempo, os interesses de setores subordinados, pois, como vimos anteriormente, a globalização não é monolítica, ou seja, um processo homogêneo, uma vez que as divergências entram na composição de uma visão global.

De acordo com IANNI (1998: 101), os intelectuais da aldeia global

representam uma argamassa importante, muitas vezes não só indispensável, mais decisiva para a operação das organizações e corporações, em escala local, nacional, regional e mundial. Compõem-se as tecnocracias e as tecno-estruturas que equacionam e implementam muitas das decisões fundamentais relativas à sistemática da aldeia global, como um todo e em suas múltiplas partes.

Então, a estabilidade de regimes políticos e a relevância dos acontecimentos sociais, políticos e culturais passam a depender da forma como os intelectuais os descrevem e interpretam, podendo esta transformar o que é real em virtual e o virtual em geral.

Essa estrutura traçada pela aldeia global implica uma situação de desigualdade entre os países que a integram, em decorrência da indiferente manipulação dos elementos que representam a base para uma participação ativa na sociedade global. Essa situação fica mais nítida quando observamos a evolução de determinados setores, tais como pesquisa e desenvolvimento (P&D), educação,

conhecimento e cidadania das nações, obtida por meio de investimentos.

Segundo LADEIRA e GARCIA (1997), a educação, o conhecimento e a cidadania representam instrumentos fundamentais para o êxito do projeto alavancado pelo capitalismo neste fim de milênio, pois constituem as bases de sustentação para o desenvolvimento da competitividade e do bem-estar da sociedade moderna, por possibilitar o pleno aproveitamento do capital intelectual, elemento vital para a produção de produtos e serviços com alto valor agregado.

Porém, em decorrência da existência de blocos dominantes na aldeia global, ocorrem desequilíbrios críticos nas relações econômicas entre os países, visto que a simples transmissão do conhecimento está se tornando cada vez menos útil na valorização do capital e na competitividade das empresas. É necessário, segundo LADEIRA e GARCIA (1997),

tornar possível a emergência de um sujeito histórico capaz de reagir, inovar, propor idéias – projetos esses da sua cidadania, mas que na prática do trabalho expressa-se em sua capacidade de manejar conhecimento e adicionar valor ao que produz, contribuindo, assim, para a melhoria dos resultados organizacionais.

Reconhece-se a necessidade de agentes inovadores neste contexto globalizado, para que sejam estabelecidas as estruturas condizentes com a dinâmica das mudanças globais. A atuação dos integrantes da cúpula da aldeia global, concentrando a produção do conhecimento, o desenvolvimento da educação e da cidadania, concede aos grupos dominantes uma vantagem que possibilita a manutenção do *status quo*, inviabilizando o surgimento de atitudes inovadoras significantes por parte dos países subalternos.

A manipulação dos dominantes aparece também na maneira como ocorre a internacionalização do investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) na globalização e representa a segmentação estabelecida pelos blocos dominantes da aldeia global, concentrando-se no interior da tríade (Estados Unidos, Alemanha e Japão) e limitando-se a alguns setores e indústrias. A internacionalização da P&D está vinculada a fatores como a natureza da tecnologia, a organização da indústria, escala, custos e as oportunidades de explorar vantagens competitivas de lugares específicos. ARCHIGI e MICHIE (*apud* RIBEIRO, 1997) apontam três

diferentes significados do processo de internacionalização da P&D:

- A exploração global da tecnologia;
- A colaboração global de tecnologia;
- A geração global de tecnologia.

A internacionalização da tecnologia refere-se, em sua essência, à localização no exterior de uma parte da P&D, caracterizando-se a esfera da tecnologia como um caso de “não globalização”; a internacionalização da P&D dá-se mais em função da internacionalização da produção dos grandes grupos transnacionais, não significando necessariamente a internacionalização da ciência e da tecnologia (PATEL e PAVITT, *apud* RIBEIRO, 1997).

A observação do que ocorre na globalização da P&D e no nível de educação, conhecimento e cidadania demonstra o efeito da ideologia dos intelectuais da aldeia global na formação da sociedade global e expõe as discrepâncias entre as nações que integram o movimento para a globalização, em decorrência das idiosincrasias daqueles que estão no topo desta estrutura global auferindo os privilégios que esta fornece.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as inovações nas estruturas políticas, econômicas e sociais, oriundas da globalização, são originárias de um longo movimento, conforme advoga THUROW (1997) quando afirma que as mudanças de hoje são conseqüências de um lento movimento das “placas tectônicas” que integram a dinâmica dos movimentos e são o pano de fundo do cenário que é exposto.

Essa “placa tectônica”, no caso da globalização, seria o capitalismo com seus movimentos de estruturação, ampliação, restrição e renovação ao longo da história, que resulta, como expressão atual desse processo, na globalização das economias, sociedades e demais elementos que compõem a sociedade contemporânea. Esse fenômeno traz consigo uma superestrutura repleta de mudanças nas relações intra e interorganizacionais, que influenciam as formas tradicionais de convivência em sociedade e as formas de agir e de pensar, em virtude das múltiplas contingências.

A desterritorialização e a aldeia global representam as principais manifestações desse movimento global, pois expressam a intensidade, a flexibilização e a manipulação dos fatos nessa nova superestrutura. Age-se de forma coerente com esse ambiente, colabora-se na constituição dessa nova forma de expressão da ideologia capitalista, que, elaborada por intelectuais representantes da classe dominante, concretiza um meio viabilizador para o alcance dos objetivos dos atores principais deste grande teatro global.

Nesse sentido, a globalização parece fazer parte de uma estratégia dos capitalistas de internacionalizar as suas ações em busca da evolução do capitalismo no mundo. Tal fato nos leva a concordar com THURLOW (1997), que afirma que são as forças econômicas que moldam o mundo de amanhã, ou seja, que ditam as “regras do jogo”. No entanto, convém ressaltar que essa estratégia parece intensificar as desigualdades sociais, uma vez que a grande maioria da população estaria excluída desse processo.

À primeira vista, o termo globalização pressupõe uma idéia de generalização, de difusão, de ampliação do acesso aos mercados nos quatro cantos do mundo, criando oportunidades novas para todos. Entretanto, o que se observa nesse processo é o favorecimento às classes e ideologias dominantes, evidenciando-se, desse modo, uma maior exclusão social, percebida nas estruturas de produção e de trabalho, na manipulação de informações, no fato de que nem todos os países estão incluídos na globalização – tal como grande parte da África – na exclusão de grande parte da população que se encontra desempregada ou subempregada, bem como na discrepância salarial entre os bem remunerados e os trabalhadores menos qualificados.

Diante desse contexto, e no intuito de amenizar tais impactos sociais, propõe-se uma conduta governamental disposta a investir conscientemente em pesquisa e desenvolvimento, e principalmente em capital humano, direcionando seus esforços para a democratização da educação (atitudes, valores, habilidades, conhecimento), bem como para a reestruturação do ensino, o que implica uma mudança nas concepções daqueles que estão à frente desse processo. Não basta a utilização das mais avançadas tecnologias, que permitem atingir uma grande massa de pessoas nas mais diversas regiões. É preciso que se utilize a educação para a

formação do cidadão, no sentido de se criarem condições para que ele possa exercer o seu direito à cidadania, tornando-o mais consciente politicamente e, desse modo, mais apto a usufruir das oportunidades de desenvolvimento ampliadas pelo mundo globalizado.

Enfim, percebe-se que com o surgimento desse movimento global uma nova proposta de modelo social é imposta aos indivíduos, Estados e empresas que se encontram inseridos nesse contexto, cabendo a estes estruturarem-se da melhor maneira possível para que consigam assumir uma posição de agentes transformadores, ou seja, de participantes ativos nas mudanças que estão acontecendo em todos os setores. Porém, para que ajam como transformadores efetivos da estrutura, é preciso que estejam corretamente informados a respeito das idéias que deram origem a esse modelo social, para que, além de colaboradores na manutenção desse sistema, possam também questionar os rumos que este tem seguido e propor novas alternativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- COLTRO, A. Efeitos da globalização/regionalização: o impacto modernizador da certificação ISO 9000 na competitividade das organizações – uma pesquisa com profissionais de empresas que se orientam pela certificação ISO 9000 na cidade de Sorocaba - SP. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...*, Rio de Janeiro: ANPAD, 1997.
- IANNI, O. *A sociedade global*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- _____. *Teorias da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- LADEIRA, M. B.; GARCIA, F. C. O novo modelo de desenvolvimento econômico e o mundo do trabalho: desafios e perspectivas para o Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...*, Rio de Janeiro: ANPAD, 1997.

- LOPES, H. E. G.. Globalização, estado e crise do capitalismo contemporâneo: o socialismo de mercado e a sociedade civil como estratégias de superação. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 22º, 1998, Rio das Pedras. *Anais...*, Rio de Janeiro: ANPAD, 1998.
- PONTES, R.; GUIMARÃES, V. N. Implicações da globalização da economia na administração da produção: estudo de casos do setor de confecções de Santa Catarina. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...*, Rio de Janeiro: ANPAD, 1997.
- RIBEIRO, M. T. Globalização da economia e internacionalização da P&D: desafios para os países em desenvolvimento. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...*, Rio de Janeiro: ANPAD, 1997.
- SARTON, V. V. da B. Globalização e as reformas nos aparelhos estatais. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 22º, 1998, Foz do Iguaçu. *Anais...*, Paraná: ANPAD, 1998.
- THUROW, L. *O futuro do capitalismo: como as forças econômicas moldam o mundo do amanhã*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.